

MEMÓRIA E IDENTIDADE INSULAR

Religiosidade, Festividades e Turismo
nos Arquipélagos da Madeira e Açores



Coordenação de Duarte Nuno Chaves

MEMÓRIA E IDENTIDADE INSULAR

Religiosidade, Festividades e Turismo

nos Arquipélagos da Madeira e Açores

MEMÓRIA E IDENTIDADE INSULAR
Religiosidade, Festividades e Turismo
nos Arquipélagos da Madeira e Açores

Coordenação

Duarte Nuno Chaves

CHAM — Centro de Humanidades
Santa Casa da Misericórdia das Velas
Velas, S. Jorge
2019

FICHA TÉCNICA

Título	<i>MEMÓRIA E IDENTIDADE INSULAR</i> Religiosidade, Festividades e Turismo nos Arquipélagos da Madeira e Açores
Coordenação	Duarte Nuno Chaves
Autores	Vários
Edição	– CHAM – Centro de Humanidades Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores – Santa Casa da Misericórdia das Velas, S. Jorge
Capa e Paginação	CEHA (Gonçalo Mendes)
Fotografia da capa	Paulo Rafael
Tiragem	400
Depósito Legal	457109/19
ISBN	978-989-20-9631-5
Data de Saída	2019
Execução Gráfica	Nova Gráfica Artes Gráficas Rua da Encarnação, 21 Fajã de Baixo 9500-513 Ponta Delgada São Miguel - Açores

Apoios



Esta edição foi financiada pela Secretaria Regional do Mar, Ciência e Tecnologia do Governo Regional dos Açores (M3.3.c/Edições/002/2019) e contou com o apoio da Direção Regional da Cultura | Centro de Estudos de História do Atlântico Alberto Vieira, no âmbito do projeto de Pós- doutoramento com a referência “M3.1.a/F/003/2016” do Fundo Regional da Ciência e Tecnologia.

ÍNDICE

- 11 Abertura
- 13 *In Memoriam* Alberto Vieira

I

TURISMO, CULTURA E RELIGIÃO – DIMENSÕES LOCAIS E DIÁSPORA

- 23 *Em honra dos Migrantes, Sagrado e Profano nas Celebrações Anuais*
– Maria Beatriz Rocha-Trindade
- 43 *Da Economia do Céu e as mobilidades no espaço insular. Peregrinação, romarias e festividades*
– Alberto Vieira (CEHA)
- 53 *Turistas ou peregrinos (Caminhos de fé? – um olhar sobre o turismo religioso)*
– Graça Alves (CEHA)
- 67 *A emigração açoriana e o património religioso – uma relação de futuro?*
– Rui Faria (CMRG)
- 79 *O percurso histórico da capela do Senhor Santo Cristo dos Milagres como local de expressão da fé*
– Hélio Soares (UAc)
- 89 *Emigração açoriana: entre a história e a memória*
– Susana Serpa Silva (CHAM-Açores)

II

ARTE, DEVOÇÃO E FÉ

CONTRIBUTOS PARA A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA

- 119 *Proteção e inventário das relíquias históricas e monumentos artísticos [e] obras de interesse nitidamente turístico e de embelezamento da terra: políticas para o património em S. Miguel e S. Maria, no lustro 1946-1950*
– Sofia Lapa (CHAM)
- 137 *Nossa Senhora da Candelária na Ilha da Madeira: devoção e representação artística*
– Rita Rodrigues (DRC- Madeira)
- 163 *A memória de varões e mulheres “ilustres em virtude”, dos Açores e da Madeira à luz de fontes hagiográficas (séculos XVI-XVIII): exemplos de uma “santidade insular”?*
– Paula Almeida Mendes (CITCEM)
- 175 *A apropriação de formas de artesanato ligadas à religiosidade popular na obra de Catarina Branco*
– Ana Nolasco (UNIDCOM/IADE)
- 191 *A arte Sacra na ilha do Faial: proposta (s) para um roteiro*
– Tiago Simões da Silva (CHAM)
- 203 *Do Bom Despacho ao Livramento: singularidades festivas marianas a oeste da Madeira*
– Martinho Mendes (MASF)

III

RELIGIOSIDADE E TRADIÇÕES. IDENTIDADE POPULAR

- 219 *Festa do Divino Espírito Santo nos Açores e sua Expressão Identitária: Símbolos, Ritos Religiosos e Populares, Celebrações*
– Lélia Nunes (UFSC)
- 227 *O culto do Espírito Santo no Corvo*
– Andreia da Silva (EcMC)

- 239 *Da Páscoa ao Pentecostes, a função das “saloias” na Festividade do Espírito Santo no Arquipélago da Madeira*
– Helena Rebelo (UMa)
- 249 *O Espírito Santo na Ilha de São Jorge. A ténue fronteira entre o religioso e o profano*
– Frederico Maciel (SCMV)
- 263 *A procissão das cinzas em São Bernardino: Um reflexo do processo de evangelização franciscana na Madeira*
– Duarte Nuno Chaves (CHAM), Cláudia Faria (CEHA) e Graça Alves (CEHA)

IV

LITERATURA, VIAGENS E VIAJANTES

- 277 *A literatura de viagens e os olhares femininos sobre os Açores setecentista e oitocentistas*
– Margarida Machado (CHAM)
- 291 *Transatlânticos: viajantes norte-americanos nos Açores. Séc. XIX-XX*
– Carlos Riley (CHAM)
- 299 *Visita dos Intelectuais aos Açores em 1924. A promoção turística da Ilha de S. Miguel*
– Graça Delfim (CHAM-Açores)
- 309 *Um Grand Tour Atípico: A Viagem à Europa de José Caetano Dias do Canto e Medeiros e de João Silvério Vaz Pacheco de Castro (Dezembro de 1836 – Setembro de 1837)*
– Joana Couto, Mónica Tavares, Pedro Pascoal, Vitoria Raposo
- 323 *Turismo e Romance na Literatura Popular Cor-de-rosa tendo por cenário a ilha da Madeira*
– Aline Bazenga (UMa)
- 337 *A identidade sociocultural e linguística madeirense através da memória da «Festa» e dos arraiais madeirenses no contexto das mobilidades*
– Naidea Nunes (UMa)

O PERCURSO HISTÓRICO DA CAPELA DO SENHOR SANTO CRISTO DOS MILAGRES COMO LOCAL DE EXPRESSÃO DA FÉ

Hélio Nuno Santos Soares

Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR)

Introdução

Ao longo dos séculos, as Igrejas do Ocidente, a par das celebrações litúrgicas, caracterizaram-se pelo aparecimento de múltiplas e variadas maneiras de o povo cristão exprimir, com simplicidade e fervor, a fé em Deus, o amor a Cristo Redentor, a invocação do Espírito Santo, a devoção à Virgem Maria e aos Santos. Estas formas de manifestação vulgarmente denomina-se por religiosidade popular ou piedade popular.

A origem da devoção à Imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres que ocorre na sua capela somente se compreende no contexto da espiritualidade franciscana e, de um modo mais específico, enquadrada na espiritualidade monástica da Ordem das Clarissas. O Mosteiro de N. Sr.^a da Esperança de Ponta Delgada foi fundado em 1541. Segundo a tradição, narrada por José Clemente, o primeiro biógrafo da madre Teresa¹, as religiosas transportaram consigo a dita Imagem a partir do Mosteiro de N. Sr.^a da Conceição de Vale de Cabaços (Caloura). Somente no séc. XVIII, através da devoção

¹ Cf. Clemente, José (Presbítero do Oratório de S. Filipe Nery). *Vida da Venerável Madre Teresa da Anunciada Escrita e Dedicada ao Senhor Santo Cristo com Invocação do Ecce Homo*. Anotações de Hugo Moreira. 21.^a Edição. Ponta Delgada, Empresa Gráfica Açoriana, Ponta Delgada, 2015, p. 109 e ss. A impressão da primeira edição do livro *Vida da venerável Madre Thereza da Annunciada ...* saiu à estampa em 1763.

particular e empenho da religiosa Teresa da Anunciada (1658-1738), a Imagem assume um culto público que integrou todos os grupos sociais e consolidando-se a devoção no decurso do séc. XVIII e XIX.

O coro baixo e a capela do Senhor Santo Cristo foram concebidos em épocas distintas e com funções espirituais e devocionais diferentes, mas são espaços indissociáveis arquitectonicamente e devocionalmente na atualidade. O coro e a igreja são separados por grades, que tinham por objetivo o afastamento e recato das religiosas em clausura. A atual capela é a terceira a ser edificada como espaço devocional dedicado à Imagem do *Ecce Homo*, perlongando o coro baixo.

Neste trabalho pretendemos contribuir para a (re)construção da história da atual capela do Senhor Santo Cristo, como local de expressão e vivência da fé de um povo, a partir da materialização da mesma, sobretudo no séc. XVIII e XIX, no seu património integrado em diálogo com o coro baixo.

1. A Imagem esquecida

Sobre a origem da Imagem pouco se sabe. O cronista Gaspar Frutuoso é omissos quanto à oferta da Imagem e afirma que a bula de criação do Mosteiro da Conceição de Vale de Cabaços foi concedida ao Capitão do Donatário, Rui Gonçalves da Câmara². Frei Diogo das Chagas descreve minuciosamente o que aconteceu às freiras de Vale de Cabaços, mas nem uma palavra sobre a existência desta Imagem³. Por sua vez, Frei Agostinho de Monte Alverne, ao descrever a vida da madre Inês de Santa Iria do Mosteiro da Esperança, diz: «onde naquele tempo levavam uma imagem do *Ecce Homo*, que ainda está na Misericórdia, no altar onde dizem missa aos doentes da enfermaria»⁴. Apesar do silêncio ou omissão dos cronistas, o imaginário popular tem alimentado a aura mística. Esta situação de incógnita veio originar, na expressão de Maria Fernanda Enes, «a aura de taumaturgia que lhe está indelevelmente associada»⁵.

2 Frutuoso, Gaspar, *Saudades da Terra*. Instituto Cultural de Ponta Delgada, vol. IV, 2011, p. 305.

3 Cf. Chagas, Frei Diogo, *Espelho cristalino em jardim de várias flores*. Ponta Delgada, Direção Regional dos Assuntos Culturais / Centro de Estudos Gaspar Frutuoso, 2007, p. 629-632.

4 Monte Alverne, Fr. Agostinho de, *Crónicas da Província de S. João Evangelista das Ilhas dos Açores*. 2.^a Edição. Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1994, II, p. 77.

5 Enes, Maria Fernanda, “A invocação e o culto do Senhor Santo Cristo em Ponta Delgada – São Miguel”. In Marques, Cátia Teles e, Coord., *Cultura - Revista de História e Teoria das Ideias*. Lisboa, Universidade Nova

O Pe. José Clemente relata o célebre milagre do roubo das pêras ocorrido na capela de N. Sr.^a da Paz, tentando justificar o percurso da Imagem no interior do Mosteiro⁶. Após a presumida ocorrência deste fato, as religiosas colocaram a Imagem no coro baixo: «trouxeram-na em devota procissão desde a capela e a colocaram em um nicho do coro baixo. Depois, correndo os tempos, se foi esfriando a devoção e o Senhor cessando de obrar prodígios»⁷. Portanto, o autor observa que a devoção não foi alimentada no interior da comunidade religiosa. Foi no coro baixo que madre Teresa encontrou a Imagem⁸. Com a devoção desta religiosa, cessa o período de ocultamento, como designou Maria Enes, e abre-se a da efetiva criação do culto da Imagem⁹. Coube a esta religiosa a missão de promover o culto ao Senhor Santo Cristo como hoje o conhecemos, abrangendo todos os estados sociais da época. Um culto doméstico do Mosteiro que transpôs as grades do Mosteiro.

2. Um espaço para a Imagem: a 1.^a e a 2.^a capela

A madre Teresa entendeu que uma imagem do próprio Deus não poderia estar pouco cuidada e que a devoção a Cristo e à sua Paixão deveria ser incentivada e divulgada. Para dar mais dignidade à Imagem do Senhor, por cair muito pó pelas frinchas do soalho do coro alto¹⁰, decidiu construir a primeira capela. Esta obra principiou após o mês de julho de 1697¹¹. A obra foi custeada por dinheiro pertencente à madre Ana da Glória, como modo de ressarcir o Mosteiro de uma dívida desde o tempo em que fora abadesa¹². Também encontramos notícia de que o mestre entalhador, Matias Ro-

de Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, vol. 27, 2010 (p. 211-226), p. 2015. Disponível em: <http://cultura.revues.org/347> (consultado a 30-09-2016). 2010: 215.

6 Cf. Clemente, 2015: 110.

7 Clemente, 2015: 111.

8 Madre Teresa da Anunciada nasceu e foi batizada no dia 25 de novembro de 1658, na Paróquia de São Pedro da então Vila da Ribeira Grande. Ingressou no Mosteiro da Esperança a 19 de Novembro de 1681. Morreu em 16 de maio de 1738 (cf. Moreira, 2000: 179-199). Margarida Lalande fez um estudo científico da vida desta religiosa (cf. Lalande, 2005-2006: 275-307).

9 Enes, 2010: 215 e ss.

10 Clemente, 2015: 117.

11 Cf. Moreira, Hugo, *O Convento de Nossa Senhora da Esperança – Imagem e Culto do Senhor Santo Cristo dos Milagres: Colectânea de artigos*. Ponta Delgada, Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres, 2000, p. 89-90.

12 Clemente, 2015: 113.

drigues (de Carvalho), fez em 1699 os armários para a sacristia e capela do Senhor Santo Cristo do Mosteiro da Esperança¹³.

A madre Teresa não ficou satisfeita com a primeira capela. Em 1702 principiaram as obras da segunda capela, já sob a orientação e patrocínio dos condes da Ribeira Grande, D. José Rodrigo da Câmara (1665-1724) e da princesa Constança Emília de Rohan (1667-1709), assumindo estes o patrocínio como «intendentes e tesoureiros da obra»¹⁴. Ao entalhador Miguel Romeiro foi encomendado o retábulo da capela, o qual foi executado em 1706 e 1707¹⁵.

3. A 3.^a capela

A atual capela do Senhor Santo Cristo é a terceira capela edificada para receber a Imagem do *Ecce Homo* e foi construída entre 1769 e 1771. A sua bênção ocorreu a 22 março de 1771 pelo Bispo da Diocese, D. António Caetano da Rocha (episcopado de 1758-1772), sendo zeladora da capela e Imagem a madre Quitéria Francisca de Santa Rosa¹⁶. Esta capela beneficiou com as obras que elevaram o soalho do coro alto em 1762, proporcionando um maior desafogo, sobretudo no arco da entrada da capela¹⁷. No que respeita aos materiais, houve um custo de 41\$170 reis de «pedra da Villa Franca e fretes de Barcos, trabalhando na obra um M.^e pedreiro e seus officiaes, scultor e seus officiaes, carpinteyro e seus officiaes, um serralheyro e um pintor», este último provavelmente para dourar o retábulo, dado que houve um gasto de 104\$800 reis em «ouro p.^a dourar»¹⁸. A despesa total, nesta conta, foi de «1.730\$174» conto de reis. Num outro documento somos informados que o mestre pedreiro foi «M. [Manuel] da Costa»¹⁹. Financiamento por parte da Condessa da Ribeira Grande ocorreu em diversas despesas, como por exem-

13 Rosa, Teresa Maria Rodrigues da Fonseca, *O Convento de São Gonçalo em Angra do Heroísmo: Contributos para o Estudo da Arte Religiosa Açoriana*. Dissertação de mestrado. Lisboa, Universidade Lusíada, 1998, p. 324.

14 Clemente, 2015: 151. Segundo Hugo Moreira a decisão da construção da capela ocorre antes de julho de 1702, pois a 2 de julho faleceu a abadessa, madre Doroteia de Santa Catarina, opositora de madre Teresa da Anunciada. Sendo sob o abadessado de madre Luiza de São Brás que se principiou a construção da capela, ou seja, entre julho de 1702 e abril de 1703 (cf. Moreira, 2000: 90 e 91).

15 Rosa, 1998: 325-326.

16 Moreira, 2000: 91.

17 Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada (BPARPD), Livro das contas gerais (1755-1772), fl. 44.

18 AMNSE, Despesa que se fez com a capela do Senhor Santo Cristo [s.d.].

19 AMNSE, Obras na capela do Senhor Santo Cristo [s.d.].

plo, «quarenta e sinco vidros (...) p.^a as vidraças» com um custo 42\$780 reis²⁰, embora se denote que o círculo de amigos dos condes tenha financiado a construção da capela²¹.

A capela é rasgada nas faces laterais por três janelas retilíneas, a central maior, com molduras de talha, ornadas de elementos fitomórficos, encimadas por sanefas, e com os enxalços revestidos a azulejos de motivos. Sobre o vão que acede à capela abre-se pequeno óculo que permite a visualização da imagem a partir do coro-alto. As paredes apresentam-se revestidas a azulejos policromos, com cartelas contendo símbolos da Paixão de Cristo.

A cobertura da capela, desenvolvida sobre cornija com lambrequim, tem a inscrição *Attendei Esposas minhas à minha lei, E prestaí ouvidos às palavras da minha boca* PS 77, VI. O teto da capela possui um conjunto decorativo inserido em painéis trapezoidais (sendo dois de dimensões superiores), formando uma composição octogonal, pintado sobre estuque, utilizando a técnica de pintura a têmpera. Ao centro, sobre um resplendor radiante, é representado um triângulo com o olho da providência, que representa a Santíssima Trindade e a onisciência / onipresença de Deus. Cada painel é decorado com albarradas (vasos floridos) com elementos fitomórficos e diversos elementos florais e vegetalistas. Os diversos painéis são separados por frisos de talha dourada, sendo o friso de acabamento exterior decorado com talha rendilhada, igualmente dourada.

No arquivo do Mosteiro há um desenho, sem assinatura e não datado, ao gosto neo-clássico, mas provavelmente executado no séc. XIX²². O autor do desenho classifica o estilo como sendo «no gosto moderno»²³. Em nossa opinião, este desenho foi o projeto inspirador para a execução do atual teto, com algumas alterações realizadas pelo pintor aquando da execução. Identificamos, a título de exemplo, algumas das alterações que diferem da execução final: os oito painéis formavam um octógono perfeito; o emolduramento exterior formava um friso geométrico inspirado em elementos decorativos da arte grega; a posição do vaso era inversa, bem como, o estilo fitomórfico utilizado, etc.

A capela é fechada por uma grade, o denominado portão do Senhor Santo Cristo, formado por nove grades de ferro, decoradas individualmente

20 AMNSE, Livro das Esmolas da capela do Senhor Santo Cristo (1750 atr. -1890), fl. 20.

21 *Idem*, fl. 19v. Por exemplo, a Condessa de Redondo despendeu 26\$000 reis.

22 AMNSE, Desenho para o teto da capela do Senhor Santo Cristo dos Milagres (XIX).

23 *Ibidem*.

por rosas e medalhões com remates em flor-de-lis, num total de 18 (9 mais 9) e com a singular fechadura em coração. O espaço existente no tardo do retábulo denomina-se de camarim do Senhor, cuja porta é encimada pela inscrição pintada: *teve principio esta obra / no anno de 1769. / e acabou-se em 1771*”. É nesta sala que existe uma lápide com a inscrição: *S / da vem / eravel / mther / eza da / nuncia / ada / na e / de / 1738*. Eventualmente podemos atribuir a esta lápide a rubrica inscrita nas despesas de construção da capela: «E por outro p.^a estar sempre na Capela ...e mesmo q.^{to} mais pela compuzição da pedra q. esta debaxo do S.^{or}[senhor]» a qual teve um custo de 4\$800²⁴.

No que toca ao atual retábulo da capela, este enquadra-se nos retábulos devocionais de madeira com fundos lisos fingindo pedraria e ornatos em relevo, dourados²⁵, com ornato diverso e encimado por frontão escultórico. Em vez do antigo douramento integral, uso de uma policromia com ornamentos de ouro. Neste estilo ganham grande aceitação as mesas de altar com forma de urnas. Tem presente a ordem jónica, com a existência de dosséis com sanefas, de composição mais ou menos sinuosa. As rocalhas ou os concheados assimétricos surgem como o grande signo formal do rococó, com os laços, flores, guirlandas e folhagens.

Quanto à sua datação e autoria, objetivamente não a podemos determinar. Luís Ataíde atribui a autoria a Miguel Romeiro: «achamos provável ser o actual retábulo o de Miguel Romeiro, talvez já modernamente restaurado»²⁶. Na nossa opinião esta atribuição é errada, porque o seu estilo artístico é da segunda metade do séc. XVIII, executado para a terceira capela, no estilo rococó, logo uma atribuição anacrónica. Ao nível arquivístico, dois documentos referem-se ao retábulo, com informações distintas e sem data: uma folha avulsa na qual se encontra o pagamento ao «M.^e[mestre] scultor e seus officiaes» por 272\$360 reis e de 104\$800 reis para dourar²⁷; o *Livro das Esmolas da Capela do Senhor Santo Cristo* com a seguinte despesa: «A ditta do Altar feito a Romana» com o custo de 55\$000 reis de despesa inscrita no seguimento do assentamento dos azulejos²⁸. Destes dois documentos, podemos concluir que permanece no anonimato o autor do retábulo

24 AMNSE, Obras na Capela do Senhor Santo Cristo [s.d.].

25 Lameira, Francisco, *O retábulo em Portugal: o Tardo barroco e o Rococó (c. 1746 – c. 1787)*. Faro, Universidade do Algarve, 2006, vol. IV, p. 360. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.1/7147> (consultado em: 12-12-2015).

26 Ataíde, 2011, II: 40.

27 AMNSE, Obras na capela do Senhor Santo Cristo [s.d.].

28 AMNSE, Livro das Esmolas da capela do Senhor Santo Cristo (1750 atr. -1890), fl., 22v.

e que, seguindo a cronologia de encomenda dos azulejos os quais a seguir trataremos, não podiam estar aplicados antes de 1788. No que concerne aos montantes, efetivamente segundo montante é muito menor face aos valores do primeiro documento.

Como foi mencionado acima, a capela tem as paredes revestidas a azulejos policromos azuis, amarelos, verdes e roxo manganês, com símbolos e cenas da Paixão de Cristo. As paredes apresentam-se revestidas a azulejos policromos, fundo marmoreado, com ornamentação de folhagens e grinaldas obtidas com azuis, amarelos, verdes e roxos. Com cartelas contendo símbolos monocromáticos da Paixão de Cristo: dados, coluna, cálice, torquês, coroa, mão, pálio, jarro, sudário de Verónica, galo, tambor, martelo, cana, cetra, escada, corda, cruz, esponja e chicote. Sobre as janelas encontram-se dois painéis azuis: Cristo atado à coluna (Evangelho) e Queda de Cristo com a cruz (Epístola).

Duas cartas do administrador da Casa dos Condes da Ribeira Grande, António Luís Arnaud à madre Maria Quitéria Francisca de Santa Rosa dão-nos informações sobre o processo de encomenda. Da análise destes documentos, podemos depreender da primeira carta que a madre solicitou ao administrador, em 30 de março de 1786, a encomenda dos azulejos em Inglaterra, ao qual o mesmo responde *parece-me coisa difícil o mandalo fazer a Inglaterra (...) e eCá em Portugal Sefaz perfeiticimo p.^a todas as Igrejas Modernas*²⁹. O conde da Ribeira Grande, D. Luís António José Maria da Câmara, em 22 de Setembro de 1786, informa a madre Francisca de Santa Rosa, que já foram entregues as medidas e irá ajustar a obra com os artífices: *fico entregue das medidas p.^a o ajoleijo da Capela (...), mas sempre mandarei chamar os Artífices p.^a ajustar com eles as d.^{as} obras*³⁰. Em outra carta com a mesma data de 22 de setembro de 1788, o administrador responde, em nome do conde, informando que estão a envidar esforços para a execução: *também fico entregue das medidas e explicaçoens p.^a se fazer o Ajolejo p.^a a Capela do Senhor*³¹; pelo *Livro das Esmolas da Capela do Senhor Santo Cristo* verificamos que o *Asentamento dos Azuleijos* foi de 88\$510 reis de pagamentos aos oficiais³².

29 AMNSE, Carta de António Luis Arnaud, secretário da condessa D. Francisca Teles da Silva (30-03- 1786). Sobre este assunto Santos Simões também tece algumas considerações (cf. Simões, 1963: 107).

30 AMNSE, Carta do 6º conde da Ribeira Grande, D. Luís António José Maria da Câmara (22-09-1786).

31 AMNSE, Carta de António Luis Arnaud, secretário da condessa D. Francisca Teles da Silva (22-09-1786). Leia-se a opinião de Santos Simões (cf. Simões, 1963: 107).

32 AMNSE, Livro das Esmolas da capela do Senhor Santo Cristo (1750 atr. -1890), fl. 22v.

No que concerne à autoria, a mesma é desconhecida até ao momento. Comummente é aceite a atribuição de Santos Simões em ser produção da Real Fábrica de Louça ao Rato, ao gosto neoclássico, o melhor e mais importante centro artístico da época³³. Efetivamente o autor analisou o estilo artístico com as informações de Hugo Moreira, pois este diz que a capela é totalmente revestida de azulejos encomendados em 1786 na real Fábrica do Rato³⁴.

Este importante centro de produção possuía diversos artífices, os quais não assinavam as suas obras, não se conhecendo nenhum painel de azulejos assinado³⁵. Podiam numa mesma obra trabalhar vários pintores de azulejo, embora possamos realçar a importância de Francisco de Paula e Oliveira para esta época³⁶. Tendo em conta a data da encomenda e o tempo necessário à execução e transporte, podemos supor que a aplicação dos azulejos ocorreu no início da década de 1790. É a época definida como a grande produção (1780-1816), sob a estratégia de João Anastácio Botelho de Almeida³⁷.

Do ponto de vista estilístico, este revestimento azulejar situa-se no estilo rococó. Com o rococó regressa a policromia, inicialmente amarelo, verde e violeta, mais tarde cenas centrais monocromáticas a violeta. As molduras perdem grande parte da sua massa volumétrica e adota-se a assimetria com motivos de flores, folhas e concheados. São características da produção da Fábrica do Rato, por exemplo, «as cenas historiadas a azul, as molduras a amarelo, os concheados a manganês, verde discretamente utilizado no marmoreado de fundo»³⁸, onde podemos encontrar semelhanças nos dois painéis azuis: de Cristo atado à coluna e Queda de Cristo. Outra das características são as figurações historiadas com o mesmo valor iconográfico dos motivos ornamentais, verificando-se um cuidado no tratamento pictórico³⁹.

33 Simões, 1963: 107. A Real Fábrica da Louça, situada em Lisboa, no Rato, surge de início como anexa à Real Fábrica das Sedas, sendo estabelecida em 1 de Agosto de 1767, integrado o processo de desenvolvimento das manufacturas implementado pelo Marques de Pombal. O seu primeiro mestre foi Thomas Brunetto. Para a história desta fábrica (cf. Monteiro, 2003: 30-107).

34 Moreira, 2000: 95.

35 Henriques, Paulo, Monteiro, João Pedro e Pais, Alexandre Nobre, Coord., *Real Fábrica de Louça ao Rato*. Lisboa/Porto, Museu Nacional do Azulejo e Museu Nacional de Soares dos Reis, 2003, p. 448.

36 Cf. Pereira, João Castel-Branco, Notícias para a história dos azulejos na Real Fábrica de Louça. In Henriques, Paulo, Monteiro, João Pedro e Pais, Alexandre Nobre, Coord., *Real Fábrica de Louça ao Rato*. Lisboa/Porto, Museu Nacional do Azulejo e Museu Nacional de Soares dos Reis, 2003, p. 436- 447.

37 Cf. Henriques, 2003: 462-474.

38 Henriques, 2003: 459.

39 *Idem*, 2003: 465.

A utilização de laços decorativos e medalhões ovais, como também encontramos semelhanças nesta capela⁴⁰.

Entre 1900 a 1903, são realizadas obras, visando «a renovação da pintura do retábulo e tecto da capella»⁴¹. A Imagem do Senhor Santo Cristo mudada para o coro alto, sob a orientação do Ouvidor de Ponta Delgada, Pe. José Augusto da Silva, conforme a inscrição no camarim no tardo da capela: «sendo regente D. Maria Augusta Pereira Machado, foi renovada a pintura d'esta capella em 1900 e de todo foi renovada em 1902». A festa da reabertura da capela contou com a presença do prelado diocesano, D. Francisco José Ribeiro Vieira e Brito⁴², tendo um custo aproximado de 51\$000 reis: fitas para medidas do Senhor 10\$550, roqueiras para a procissão do «coro de cima para a sua Capella a 5\$000, Te Deum em acção de graças pelo mesmo motivo» a 40\$000⁴³. Apesar de a Imagem do Senhor Santo Cristo ter regressado à sua capela, a intervenção no retábulo principiou neste mês, prolongando-se até setembro, como comprovam as faturas emitidas pelo Armazém de *Francisco M. Do Regos Costa*, nas quais verificamos que se comprou, por exemplo, 57\$812 reis em folha de ouro e outros materiais para intervenção no «restauro da Capela do Senhor, neste anno»⁴⁴. Foram os mestres nesta intervenção João de Medeiros Moura e João Raposo⁴⁵, embora na inscrição na parede do camarim conste somente João de Medeiros Moura.

Em 2013, sensivelmente 110 anos depois, esta capela foi novamente sujeita a obras de conservação e restauro pela Empresa *Domingos Rodrigues Silva, Arte Sacra, Lda.*, sediada em Braga, procedendo à reparação da talha e reintegração cromática.

40 *Idem*, 2003: 467.

41 AMNSE, Memorando das obras na capela do Senhor Santo Cristo e respetiva transladação da Imagem do Senhor Santo Cristo (03-03- 1900).

42 AMNSE, Memorando das obras na capela do Senhor Santo Cristo e respetiva transladação da Imagem do Senhor Santo Cristo (03-03- 1900).

43 AMNSE, Conta da Receita e Despesa do Senhor Santo Christo e Comunidade (01-1903).

44 AMNSE, factura de *Francisco M. Do rego Costa* - Armazem de quinquilharia, ferragens, ferro (18-11-1902).

45 AMNSE, Recibo de pagamento a João de Medeiros Moura e João Raposo, por trabalho feito no altar do Senhor Santo Cristo (03-01-1903). Em março de 1903 comprou-se 80 livros d'ouro 36\$800 (cf. AMNSE, factura de *Francisco M. Do Rego Costa* - Armazem de quinquilharia, ferragens, ferro (28-03- 1903).

Conclusão

A piedade popular que se manifesta e se vive em torno da Imagem do Senhor Santo Cristo é algo que caracteriza o povo açoriano. Esta manifestação religiosa tem por centro o coro baixo e a capela, ao qual acorrem crentes e não crentes. Contudo, este espaço foi materializando a fé de diversas gerações de fiéis, tendo como mediadoras e, eventualmente, promotoras as zeladoras da Imagem e capela, porque foram estas religiosas, gestoras de ofertas e mediadoras de preces, socorrendo-se das suas amigas que conseguiram o engrandecimento artístico da Imagem e do espaço que a guarda.

Procurámos nesta nossa comunicação contribuir para uma primeira (re)construção da história, a partir das fontes primárias existentes e do próprio património integrado. A investigação arquivística revelou o potencial de análise que aqui não nos permite explicar, com uma necessária reflexão e confrontação de perspetivas distintas.